



JÚLIA MEDEIROS: UMA MULHER A FRENTE DO SEU TEMPO¹

Loriany SOLANO²

Flaviane FAGUNDES³

Jussara ALVES⁴

Leyliane LOPES⁵

Caroline LIMA⁶

Manoel Pereira da ROCHA NETO⁷

Universidade Potiguar, Natal, RN

RESUMO

O projeto experimental tem como objetivo reconstituir a trajetória da jornalista e professora Júlia Medeiros, abordando suas práticas jornalísticas no Jornal da Moças e sua atuação na sociedade caicoense nas décadas de 1920 e 1930. Essa reconstituição é feita através de um vídeo-documentário. Por meio deste projeto, pretendemos preencher uma lacuna e contribuir para a história do jornalismo norte-rio-grandense, como também evidenciar para a sociedade do Rio Grande do Norte a importância e a presença dessa mulher jornalista e educadora, que lutou pela igualdade dos sexos. Júlia Medeiros enfrentou barreiras e conseguiu ser um marco na historiografia das mulheres do estado.

PALAVRAS-CHAVE: Reconstituição; História; Mulher; Jornalismo.

INTRODUÇÃO

“Sob os secos sertões da Fazenda Umari [...], no raiar da aurora do último século do segundo milênio do calendário Cristão nascia, quem sabe a mulher do século de Caicó” (GUERRA FILHO, 2002, p. 2). Júlia Medeiros nasceu no dia 28 de agosto de 1896, no árido sertão norte-rio-grandense, na zona rural de Caicó.

Filha de Antônio Cesino de Medeiros e Ana Célia Amélia de Medeiros, recebeu o nome de batismo de Júlia Augusta de Medeiros, em 10 de outubro de 1896, na fazenda onde nasceu. Seus padrinhos foram o seu tio Ambrósio Florentino de Medeiros e sua avô

¹ Trabalho submetido ao XIX Expocom, na categoria A Audiovisual, modalidade processo, como representante da Região Nordeste.

² Aluno líder do grupo e concluinte de Jornalismo da Universidade Potiguar, e-mail: loriany@unp.br

³ Concluinte de Jornalismo da Universidade Potiguar, e-mail: flaviane@unp.br

⁴ Concluinte de Jornalismo da Universidade Potiguar, e-mail: jussara@unp.br

⁵ Concluinte de Jornalismo da Universidade Potiguar, e-mail: leyliane@unp.br

⁶ Concluinte de Jornalismo da Universidade Potiguar, e-mail: caroline@unp.br

⁷ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, UnP, email: manupereira@unp.br.



paterna, Ana Vieira Mimosa. Foi a segunda de uma prole de sete irmãos, entre eles, um era do sexo masculino, João de Medeiros.

Filha de fazendeiro rico, Júlia Medeiros, nome assumido na sua mocidade, foi letrada no alpendre da fazenda, onde começou a conviver com as primeiras letras. Foi alfabetizada por um mestre-escola, Misael de Barros. A figura do mestre-escola entrou no sertão adentro instruindo os futuros políticos, padres ilustres, dentre outros.

Mestre-escola e Professor Régio atravessaram a segunda metade do século XIX, entoados nos sertões, prestando serviços relevantes, desarnando com beliscões, palmatória e vara de marmeleiro os futuros chefes políticos, padres ilustres, soldados valorosos e fazendeiros onipotentes, saudosos do tempo da escola, da oração inicial e de pedido de benção ao mestre cujos direitos morais jamais prescrevem (CASCUDO, 1977, p.262).

O mestre-escola era privilégio de uma elite rural, excludente, tanto de ponto de vista econômico, quanto como relação à condição feminina. O interesse maior das famílias do sertão era instruir os filhos homens.

Entretanto, algumas mulheres se constituíram mulheres letradas. Júlia Medeiros, desde criança, assim como suas irmãs, já se diferenciavam das meninas da sua comunidade. Elas tiveram a oportunidade de conhecer as primeiras letras, graças a visão pedagógica do seu pai. Ele não fazia distinção de sexo no que concerne à educação, diferentemente das famílias tradicionais do Seridó, que só educavam os meninos, destinando suas filhas ao único objetivo: o casamento e os afazeres domésticos (ROCHA NETO, 2005, p. 41).

Por meio dessa educação reservada às mulheres da elite, elas deveriam se comportar como companhias agradáveis, elegantes, adaptáveis às circunstâncias e, sobretudo, submissas.

Sempre preocupada com o saber, a família Medeiros estava sintonizada com a instrução dos seus membros, desde as primeiras gerações. A visão de educação dos ancestrais de Júlia Medeiros extrapolava a trilogia, ler, escrever e contar. Segundo Félix, Moreira e Freire (1997), a família Medeiros, originada em Portugal e, em consonância com aquele país e a Europa, imprimia, entre os seus descentes, brasileiros, a preocupação com o saber sem distinção de sexo.

A família Medeiros decidiu enviar Júlia Medeiros, ainda adolescente, para Natal com o objetivo de ampliar os seus estudos. Com o consentimento de seu pai, que, desde cedo, havia percebido a sua desenvoltura para as letras e o magistério e com a morte prematura de sua mãe, Júlia Medeiros foi para a capital estudar.



Com o objetivo de se tornar professora, Júlia Medeiros foi estudar em Natal. O percurso entre Caicó e Natal era de aproximadamente 300 quilômetros, percorridos geralmente em seis a oito dias, em lombo de burro, por meio de comitiva. Para tanto exigiam-se disposição e condições básicas. Eram necessários mantimentos e empregados para o bom desempenho da viagem (ROCHA NETO, 2005, p.44).

As comitivas de viagens, do Seridó para Natal, duravam cerca de 8 dias. Júlia Medeiros viajou em “lombo” de burro até o ponto final, a cidade de Macaíba (RN). O percurso até Natal era feito por meio de barcos, saindo do porto dos Guarapes, naquela localidade, em direção ao cais da Tavares de Lira, no bairro da Ribeira.

Júlia Medeiros fixou residência na casa do professor de português e amigo da família, Joca Vicente. Segundo Félix, Moreira e Freire (1997, p.24), “ela sempre foi agradecida pela hospitalidade do professor que, além da acolhida, costumava corrigir seus erros de português”, durante os primeiros anos de estudo no Colégio Nossa Senhora da Conceição, fundado em 1902, pela Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia de Frassinetti – Congregação de Santa Doroteia do Brasil. Júlia Medeiros encontrou na educação, em especial, no magistério, uma alternativa para conquistar novos espaços.

Após receber o diploma de professora, Júlia Medeiros retorna a Caicó, no mesmo ano, com o objetivo de fundar um externato infantil. Não tendo concretizado o seu desejo, tornou-se, inicialmente, professora particular na residência de sua irmã Julieta Medeiros, localizada na rua Padre João Maria, na praça da Igreja Matriz de Santana, onde havia se hospedado.

O Grupo Escolar Senador Guerra, instalado, quando do decreto de sua criação, em um dos salões da Prefeitura Municipal de Caicó, constituiu-se em mais uma escola pública fundada neste município. Foi, nesta escola, que Júlia Medeiros, em 30 de setembro de 1926, assinou, diante o diretor Joaquim Coutinho, um termo de compromisso como professora efetiva da Cadeira Infantil-Misto Suplementar. Seria o início de uma longa carreira que se estenderia até, aproximadamente, o ano de 1951, quando se afastou de suas funções de professora para exercício do cargo de vereadora, por dois mandatos consecutivos (1951-1954 e 1954-1958). Inicia-se, assim, uma história de respeito e dedicação. Culta, representava os colegas em todas as festividades da escola.

Falar da história das mulheres no Seridó na década de 1920 é lembrar de uma época em que eram submissas ao homem. Elas não podiam expressar suas opiniões, ações,



pensamento. Preservava-se o paradigma positivista. A figura feminina é omitida, ficando sempre em segundo plano.

Solteiras eram totalmente subordinadas ao pai, que, muitas vezes, escolhia-lhe o noivo, sem que esta sequer o conhecesse. Na ausência paterna, quem cumpria esta função era o irmão mais velho. O casamento que deveria representar uma possível emancipação, consistia apenas numa troca de tutelas.

As moças que estavam prestes a contrair matrimônio com um rapaz, ajustado por seu pai, chorava. Momento este em que chega um moço e pede água percebendo a tristeza da jovem e tomando conhecimento do motivo, pergunta-lhe através da mucama se concordava (a moça) em fugir com ele, o que é aceito. Quando o pai toma ciência do fato, manda chamar o primeiro noivo e acerta seu casamento com a segunda filha. Celebrando-se no dia seguinte dois casamentos (LAMARTINE, 1965, p.52).

Situações como essas, expressam a rebeldia frente a uma imposição. Outra situação presente no comportamento da época é a submissão à autoridade masculina. Quando a mãe era solteira, de classe inferior, o destino, na maioria das vezes, era o prostíbulo – de classes mais elevadas, passava a ser discriminada na sociedade e na família, constituindo-se um ponto de desonra.

Muitos são os fatos desta natureza chegados até nós pela história oral, mulheres que eram expulsas de casa, confinadas em quartos e que sofriam os mais cruéis castigos físicos, por se tornarem na expressão sertaneja “moça bulida ou desonrada (FÉLIX, MOREIRA, FREIRE, 1997, p.11)

Existiam, na época, várias outras regras de conduta feminina. Na escola as meninas eram separadas dos meninos. A delimitação dos espaços públicos era a extensão do espaço doméstico. Homens para um lado e mulheres para o outro. Simbolicamente, representa a definição de papéis na sociedade. Segundo Rocha Neto (2005), os espaços permitidos às mulheres eram a igreja, quando havia cerimônias religiosas, casamentos, batizados e os eventos sociais, como os bailes, a festa de Sant’Ana.

No sertão, os papéis masculinos e femininos eram definidos a partir dos espaços domésticos:

Solteiras eram totalmente subordinadas ao pai, que muitas das vezes lhe escolhia o noivo, sem que esta sequer o conhecesse. Na ausência paterna, quem cumpria esta função era o irmão mais velho. Por isso, estavam sempre nos cômodos mais movimentados do lar, sob o olhar de todos. No seu quarto não havia janelas para evitar uma possível fuga, caso não concordasse com o pretendente a marido, escolhido pelo pai ou pelo (FÉLIX, MOREIRA, FREIRE, 1997, p. 10).



De acordo com Lamartine (1965), o cômodo mais movimentado das residências sertanejas de Caicó era a chamado de *sala de mulheres*, local onde a família permanecia reunida em trabalhos domésticos. “Ali, em muitas, havia um oratório onde à noite, todos os dias era rezado o terço, com a participação de toda a família do fazendeiro e seus dependentes. Junto a esta sala ficava o quarto do casal e, ao lado deste, o das moças, vedado da janela de fora” (p. 24). Desse modo, a mulher ficaria impossibilitada de uma eventual fuga, caso não concordasse com a escolha do seu cônjuge.

Era essa a condição da mulher no Seridó de características mais rurais que urbanas. À medida que as transformações começam a se processar com maior rapidez, a comunicação se amplia, os valores se modificam, esta começa, paulatinamente, a tomar consciência de sua condição feminina.

Segundo Rocha Neto (2005), nos idos da década de 1920, época delimitada da investigação, era comum família com numerosa quantidade de filhos, pois uma das funções sociais da mulher, naquele período, era ser geradora de uma prole significativa.

Outra característica com relação à maternidade está vinculada à figura do papel de pai e marido, no sentido de valorização social.

A mãe solteira, sem a figura paterna e, principalmente, do esposo, acarretaria desvantagens sociais, principalmente se fosse de classe inferior, o destino era o prostíbulo; de classes mais elevadas passavam a ser discriminadas na sociedade e na família, constituindo-se ponto de desonra (FÉLIX, MOREIRA, FREIRE 1997, p.11).

A mulher sempre ocupou uma posição de desvantagem, sendo marginalizada se infringisse as normas sociais, como ser mãe solteira, por exemplo. Quase sempre a mulher esteve em condição de desvantagem. Um espaço a ela destinado vivia sob uma dominação invisível, articulada pelo pai ou pelo marido. Uma forma de violência, mas de modo sutil e intrinsecamente exercida pelos homens.

Contudo, mesmo sob o domínio masculino, algumas mulheres venceram barreiras e se confrontavam com as convenções sociais estabelecidas não aceitando, portanto, as normas impostas pela sociedade da época.

Existiram grandes mulheres que contribuíram para a História e protagonizaram episódios que marcaram a vida social, política e educacional do Rio Grande do Norte. Destacamos e apresentamos Júlia Augusta de Medeiros, uma das mulheres pioneiras no



Jornalismo e na educação norte-rio-grandense nos anos de 1920. Feminista, mulher de idéias avançadas, com participação destacada na vida pública e na política da região.

O motivo de tanta ousadia para uma mulher configurada no seu tempo e fora dos padrões da sociedade pode ter sido fruto de sua educação diferenciada e empreendida pelo seu pai. Júlia Medeiros e suas irmãs foram se diferenciando das demais meninas do sertão da época. Pertencia a uma família nobre e de visão pedagógica diferente da maioria das famílias da época, em que o privilégio de estudar era para os homens.

Considerada excelente oradora, fruto de sua formação intelectual, sempre que alguma personalidade política estadual ou nacional visitava a cidade, era por ela saudada, como foi com Getúlio Vargas, Bertha Lutz e tantos outros.

Figura sempre presente na recepção de autoridades e pessoas ilustres em Caicó, Júlia Medeiros sempre estava à frente desses eventos por ser considerada uma mulher elegante e excelente oradora.

Além de professora, Júlia Medeiros era também responsável pela produção de pequenos dramas teatrais na cidade. Sobre seus escritos, colaborou para a revista *Pedagogium*, órgão oficial da Associação de Professores do Rio Grande do Norte no jornal *A República*, edição de 13 de março de 1926, publicou uma nota referindo-se ao nº 21 da citada revista. Segundo o jornal, a professora Júlia Medeiros escreveu, em 1925, um artigo intitulado *A missão da mulher*, em que ela questiona o papel da mulher na sociedade:

A missão da mulher poderá se estender além do lar, cujo programa será sempre a dedicação, não procurando vencer senão pela virtude, visando que a nossa força e o nosso prestígio representam a modéstia e as delicadezas inerentes ao próprio sexo (REVISTA PEDAGOGIUM, Nº 21, OUT/SET DE 1925).

Apesar de sua colaboração na revista educativa, foi no *Jornal das Moças* que a professora Júlia Medeiros exerceu a função de colaboradora e redatora. Este fato pode ser comprovado nas primeiras páginas do periódico, onde o seu nome é destaque, abaixo do logotipo do jornal, juntamente com as demais redadoras.

É unânime a opinião dos seus ex-alunos e conterrâneos sobre o grau de inteligência e dedicação de Júlia Medeiros à educação Norte-rio-grandense e ao jornalismo.

Era uma mulher de habilidades para oratória, aparecendo em público para discursar, tanto de improviso com os textos escritos, que preparava de véspera – a quem diga que de improviso, falava ainda melhor (FÉLIX, MOREIRA, FREIRE, 1997, p.30).



Em uma de suas vistas ao Rio Grande do Norte, a feminista, Bertha Lutz esteve em Caicó e foi saudada por Júlia Medeiros. A partir daí, nasceu uma admiração e amizade mútuas com freqüente troca de correspondências (FÉLIX; MOREIRA; FREIRE, 1997, p. 38).

Além de cartas, Júlia Medeiros acompanhava a vida de Bertha Lutz pelos Jornais. Guardava as notícias que faziam referência a esta feminista, e a todas as pessoas de seu círculo de amizade. É o caso da poetisa Palmyra Wanderley, colaboradora de vários jornais locais e de outros estados, inclusive de revistas dedicadas ao público feminino. Poetisa esta agraciada com um prêmio da Academia Brasileira de Letras. Foi sócia fundadora da Academia Norte-rio-grandense de Letras e autora do hino de Sant'ana, festa em que Júlia Medeiros participava.

Figura marcante, todos aqueles que desfrutaram do seu convívio e amizade guardam com respeito e admiração a lembrança daquela que foi expoente da cultura seridoense.

A professora Júlia Medeiros não poderia deixar de opinar sobre a criação de um jornalzinho, que tinha como objetivo, ser porta-voz das moças de sua terra. Era uma mulher sempre atuante e partícipe das lutas pelas conquistas dos direitos das mulheres. O seu idealismo e sua paixão sempre foram marcas constantes em sua trajetória de vida.

Segundo Félix, Moreira, Freire (1997), em seus discursos fazia muito bem o uso de metáforas, nos textos, a linguagem fluía facilmente.

A elegância e ousadia da professora podem ser comprovadas na maneira de ostentar luxo, vestindo-se de forma impecável, dentro dos padrões da alta costura. Foi, possivelmente, a primeira mulher em Caicó a usar a cor preta sem simbolizar sentimentos de pesar pela morte de um parente.

O comportamento peculiar dessa professora foge à regra da configuração social da cidade, gerando, em decorrência disso, polêmica e reprovação no contexto dos padrões sociais estabelecidos para as mulheres nos anos de 1920. Diferenciava-se das demais mulheres pela sua ousadia e irreverência. Como por exemplo, dirigir um automóvel e ir de Natal a Caicó, dirigindo o seu próprio veículo.

Segundo Monteiro (1999), o automóvel chegou à Caicó no dia 27 de março, às 19h. Seu proprietário era Manoel Coriliano de Medeiros. Foi um acontecimento que parou a cidade. Não ficou ninguém dentro de casa, porque todo mundo queria ver os dois olhos acesos de pé-duro.



O carro que tanto espanto causou era um Ford, veículo da mesma marca que foi dirigido por Júlia Medeiros. Ela foi vista por muitos moradores da cidade como a primeira mulher a guiar um carro no Seridó, considerada uma atitude ousada. Nas calçadas da cidade, as crianças e adultos costumavam dizer: “Júlia Medeiros, no seu Ford, virou a princesa do caritó” (FELIX, MOREIRA, FREIRE, 1997, p.32).

Em relação ao casamento, Júlia Medeiros não acreditava que o mesmo seria sua realização pessoal, como era comum às moças do sertão daquele tempo. Parafraseando Félix, Moreira e Freire (1997), Júlia Medeiros chegou a ser pedida em casamento pelo farmacêutico José Gurgel de Araújo, mas recusou o convite. Segundo Rocha Neto (2002), sua opção de ser solteira desafiava as normas, pois, na maioria das vezes, restava às solteiras cuidar dos sobrinhos, ficar para titia.

Júlia Medeiros foi a primeira mulher de Caicó a se alistar como eleitora. Bertha Lutz envia um telegrama a Júlia Medeiros, felicitando-a: “Rio 04 de Março de 1928. Nome Federação Brasileira Progresso Feminino e pessoalmente, felicito vossa excelência pelo seu alistamento eleitoral, convidando consorcia desta federação. Bertha Lutz. Presidente”.

Segundo Rodrigues (2003), a professora Júlia Medeiros tornou-se eleitora em Caicó, com o direito a voto no dia 5 de abril de 1928. Esse fato pode ser constatado por meio de registro histórico fotográfico na seção de fotografias e pinturas de Museu Municipal de Mossoró. Rodrigues (2003, p. 101) assinala: “Júlia Medeiros, depositando o seu sufrágio na seção competente, sob as vistas do Juiz de Direito de Caicó, Dr. Renato Dantas, na primeira eleição em que a mulher votou no Brasil”, tornando-se, desse modo, uma das poucas mulheres no Brasil que possuía esse direito, àquela época.

A imprensa norte-rio-grandense divulgou a questão do voto feminino. Na edição de número três da revista Cigarra (1927, p. 31), encontramos o registro do voto feminino, por meio da foto de um grupo de eleitoras. Entre elas, a professora Júlia Medeiros.

Sobre o papel dos sexos na sociedade, Júlia Medeiros reafirma as posições pré-estabelecidas, valorizando as características inerentes às mulheres do seu tempo, como pessoas mais compreensivas e justas do que os homens:

Não é nova a lição de um grande sábio que, estudando comparativamente a influência do homem e da mulher na sociedade, conclui que a primeira era mais forte, mais extensa, e a segunda, mais justa e mais penetrante (PEDAGOGIUM, n. 21, set/out.1925, p. 26).



Essa professora reivindica instrução para a mulher, e deseja a ampliação da participação da mulher no mundo moderno, sem prejuízos para célula da família na sociedade:

A evolução dos séculos e a marcha progressiva de cada nação estão abrindo novos horizontes à atividade da mulher contemporânea. Intensifica-se a luta pela vida e nada mais natural que procurar o ideal feminista subir a um melhor grau de aperfeiçoamento, contanto que não seja à procura de idéias emancipadoras incompatíveis com os deveres reservados no seio da família (PEDAGOGIUM, n. 21, set/out.1925, p.25).

Para Júlia Medeiros, a família e a educação para ambos os sexos eram o caminho para uma sociedade mais justa e igualitária: “Afinal, como um colorido às minhas fracas apreciações, posso chegar à conclusão de que o nosso papel mais importante se resume em sermos pioneiras do bem e da virtude, mensageiras da paz, a par de uma educação vasta e verdadeiramente cristã”(JORNAL DAS MOÇAS, 19/04/ 1928, p. 2).

A figura de Júlia Medeiros, jornalista, educadora, política, vive nas lembranças de amigos, familiares, ex-alunos ainda vivos, curiosos, e descrevem como uma mulher de múltiplas funções, e a consideram como um marco na vida de uma cidade encravada no sertão do Seridó.

6. Referências:

- ARAÚJO, Maria Marta de. **Origem e tentativa de uma organização da rede escolar do Rio Grande do Norte.** Da colônia à Primeira República. Natal: PRAEU, 1982.
- BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa feminina.** 2.ed., São Paulo: Ática,1990. (Série Princípios).
- CAPELLATO, Maria Helena Rolim. **A Imprensa na história do Brasil.** 2. ed. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **O livro das velhas figuras:** pesquisas e lembranças na história do Rio Grande do Norte. Natal: Instituto histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1977.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1995.
- DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1997.
- DUARTE, Constância Lima; MACÊDO, Diva Maria Cunha Pereira de. **Via-Láctea:** de Palmyra e Carolina Wanderley: Natal, 1914-1915. Natal: NAC; CCHLA; NEPAM; Sebo Vermelho, 2003.
- GUERRA FILHO, Adauto. **O Seridó na memória de seu povo.** Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2001.
- HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas (1850-1937),** São Paulo: Brasiliense, 1981.
- LAGRAVE, Rose-Marie. Uma emancipação sob tutela. Educação e trabalho das mulheres no século XX. In: **História das mulheres no ocidente.** O século XX. Porto: Afrontamento, 1991. v. 5.



- LAMARTINE, Juvenal. **Velhos costumes do meu sertão**. Natal: Fundação José Augusto, 1965.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.
- MELO, Manoel Rodrigues de. **Dicionário da imprensa no Rio Grande do Norte: 1907-1987**. São Paulo: Cortez, Natal: Fundação José Augusto, 1987.
- MELQUIADES, José. **Padre Francisco de Brito Guerra, um senador do Império**. Natal: Fundação José Augusto, 1987.
- MONTEIRO, Pe. Eymard L'Eraistre. **Caicó: subsídios para a história completa do município**. 2. ed. Natal: Nordeste Gráfica/ Sebo Vermelho, 1999.
- MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **Leituras de mulheres no século XIX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- RIZZINI, Carlos. **O jornalismo antes da tipografia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- RODRIGUES, João Batista Cascudo. **A mulher brasileira: direitos políticos e civis**. Brasília: Brasiliense, 2003.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4º ed. Rio de Janeiro: Manuad, 1999.
- SOUZA, Cláudio Mello. **Impressões do Brasil**. Rio de Janeiro: Práxis Artes Gráficas Ltda, 1986.

Monografias

- VIANA, Clara Rosiana. **A participação feminina na construção da imprensa mossoroense**. Natal (Monografia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2006.
- OLIVEIRA, Patrícia Cristina. **Lendo o Masculino pelo feminino: A construção de gênero Masculino no "Jornal das Moças"**. Caicó, (Monografia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Ceres, Caicó, 2003.
- RIBEIRO, Caroline Lasneaux. **Publicações femininas: Uma análise da representação das mulheres no Jornal das moças (1926) e na revista Marie Claire (2005)**. Brasília, (Monografia). Centro Universitário de Brasília. 2006.
- FELIX, Ezequiel; MOREIRA, Aldo; FREIRE, Francisca Daise Galvão. **Júlia Medeiros, peso na tradição, desejo de liberdade**. Caicó, (Monografia) – Departamento de Estudos Sociais e Educacionais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1997.
- SILVA, Carolina Barreto e Silva. **Jornal O Natalense: pioneiro na imprensa norte-rio-grandense**. Natal (Projeto Experimental). Universidade Potiguar, UNP. 2005.

Dissertação

- GOMES, Otêmia Porpino, **Imprensa Feminina: O jornal a Esperança (1903-1909)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Ciências Sociais Aplicadas – UFRN. Natal, 1999.
- CARVALHO, Isabel Cristine Machado de. **Palmyra Wanderley e a Educação da mulher no cenário norte-rio-grandense (1914-1920)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Ciências Sociais Aplicadas – UFRN. Natal, 2004.



ROCHA NETO, Manoel Pereira da. **Jornal das Moças (1926-1932):** Educadoras em manchete. Natal, (Dissertação). Universidade do Rio Grande do Norte. 2002.

Tese

ROCHA NETO, Manoel Pereira da. **A Educação da mulher norte-rio-grandense segundo Júlia Medeiros (1920-1930).** Natal, (Tese). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005.

Documentos e Artigos

BRASIL. Decreto de 13 de maio de 1808. **Estabelece a criação da Imprensa Régia.** Coleção das leis do Brasil de 1808. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1891.

PORPINO, Itaércio. **O triste fim de Júlia Augusta ou Rocas- Quintas.** Natal, (Artigo). TRIBUNA DO NORTE, 2005.

GUERRA, Adauto. **Professora Júlia Medeiros.** Caicó, (Artigo). Correio do Seridó.2006.

Revistas

CHARTIER, Roger. **Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica)** In: Cadernos Pagu, fazendo história das mulheres. Campinas: Núcleo de Estudo de Gênero/UNICAMP, 1995. v.4.

GUERRA FILHO, Adauto. A história da professora Júlia Medeiros. Jornal de Caicó. Caicó, 16 de março de 2002.

Periódicos Pesquisados

JORNAL DAS MOÇAS (1926-1932). Semanário feminino editado na cidade de Caicó, pelas professoras Georgina Pires, Dolores Dinis, Júlia Medeiros e um grupo de mulheres.

PEDAGOGIUM (1921-1925). Revista da Associação dos professores de Rio Grande do Norte. Jul. de 1925.

Sites

PACCOLA, Carina. **Jornalistas e opinião da imprensa no Brasil e durante a ditadura militar:** Florianópolis, 2004. Disponível em: <<http://WWW.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd/gtjornalismo2.htm>> Acesso em: 15, 16, 23 de outubro de 2007.